

RELATOS RIBEIRINHOS: ENTRE MITOS E REALIDADE

Ana Amélia de Araújo MACIEL
Professora do Centro Universitário do Pará – CESUPA

Resumo: O artigo baseia-se em coletas de dados da dissertação de mestrado intitulada “O Grito Ribeirinho: Eco da educação ambiental em escolas ribeirinhas na Amazônia” (Maciel, 2001). Trata-se de uma pesquisa qualitativa etnográfica, desenvolvida em ilhas do Município de Belém-PA, tendo como foco principal a ilha Jutuba I.

A escolha pelo assunto se deu por diversos motivos, dentre eles, os geográficos. Belém, circundada por 39 ilhas reconhecidas e tantas outras ilhotas, tem uma superfície de 51.569,30 hectares, sendo que dois terços desta superfície, 34.252,06 hectares, são constituídos de zona insular, de fauna e flora preservadas, e uma diversidade de relações sócio-culturais.

A ilha Jutuba fica próxima ao distrito de Icoaraci, levando em média 25 minutos de viagem em barco de médio porte. Tem 50% do seu território alagado, população aproximada de 250 habitantes, que se alimentam basicamente de pescado, preferencialmente o camarão, e açaí. Para muitas atividades, seus moradores obedecem o calendário lunar.

A pesquisa etnográfica transportou a pesquisadora ao mundo ribeirinho para melhor compreender e traduzir seu modo de vida.

Uma das características da pesquisa qualitativa etnográfica é a inserção direta do pesquisador no campo a ser investigado. É um processo demorado que não fica no âmbito de breves observações, e pode durar anos.

Segundo Marli André (1995), o processo de análise de dados na pesquisa qualitativa etnográfica é “extremamente complexo”. Os procedimentos e decisões não se limitam a um conjunto de regras a serem seguidas, a experiência do pesquisador servirá como possíveis caminhos na determinação dos procedimentos de análise. André nos fala de um esquema aberto e artesanal de trabalho que permite transitar entre observação e análise, entre teoria e empiria.

Para a coleta de dados, valemo-nos do diário de campo, observação na sala de aula e convivência comunitária; entrevistas não estruturadas, registros fotográficos e filmagem.

Recorremos a Peter McLaren (1997, p. 57-180), respaldo para nortear o estudo através de modelos de relatórios que permitem descrever detalhadamente o contexto da pesquisa.

Investigar a relação entre o homem e o meio ambiente é um dos objetivos do trabalho, que busca refletir sobre o contexto ribeirinho e contribuir para a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades.

A Educação é uma das grandes alternativas para a preservação ambiental, levando-se em consideração que esta deve reformular constantemente seus métodos, observando o comportamento dos participantes do processo, com a participação popular, visando também a melhoria da qualidade de vida do habitante local.

Acredita-se que uma das alternativas para a preservação ambiental seja a análise curricular, mostrando a presença da Educação Ambiental como possibilidade de desenvolvimento da democracia e tomada de consciência da cidadania.

Essa tomada de consciência, segundo Paulo Freire (1980), “não é ainda a conscientização porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência” e nos diz:

A conscientização implica que ultrapassamos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (...) A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. (...) por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com um material que a vida lhes oferece. (...) A conscientização está baseada na relação consciência-mundo (1980, p. 26).

O homem ribeirinho, nativo, convive familiarmente com a biodiversidade, tirando da natureza o necessário para o seu sustento.

Nas ilhas, a cultura nativa é passada de pai para filho. A linguagem, os olhares e os trejeitos são peculiaridades inquestionáveis que só os ribeirinhos traduzem.

processo de ruptura é permanente, isto é, conhecemos sempre a partir de um conhecimento anterior, que nos possibilita a superação de obstáculos e o desenvolvimento de conhecimento.

A relação entre o currículo e os diversos saberes deve passar pela inclusão dos saberes populares no currículo, permitindo seu diálogo com os saberes científicos em processo de mútuo questionamento e também crítico, em que:

O enfoque de como o currículo escolar pode interrelacionar saberes populares e saberes científicos na construção de um saber que não os descaracterize e contribua efetivamente para a construção de um conhecimento com a melhor compreensão e transformação do mundo (Lopes, 1993, p. 21).

As afirmações de Terezinha Maria Nelli Silva nos dizem que:

O conhecimento é um processo e é alcançado pelo diálogo. O professor deveria ensinar a perguntar dentro da cotidianidade, pois é este o caminho do conhecimento. A construção de um currículo crítico com sua busca da concreticidade encontra resposta na cotidianidade do aluno, na cultura de que é portador, como um caminho para a construção do conhecimento que seja transformador da realidade (1990, p. 17, grifo nosso).

Apostamos a dimensão da relação entre o processo educativo e a cultura como ponto fundamental, pois a cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e sua justificativa última. Segundo Jean-Claude Forquin:

A educação não é nada fora da cultura e sem ela, mas, reciprocamente, diz-se-a que é pela e na educação que a cultura se transmite e se perpetua, onde toda reflexão sobre uma, desemboca imediatamente na consideração da outra (1993, p. 14).

A cultura tem um papel fundamental e não se pode negar a contribuição da cultura ribeirinha no processo educativo:

Cultura (...) é aquele todo complexo que inclui os saberes, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e outras capacidades

adquiridas pelo homem enquanto membro da sociedade
(Tylor apud Forquim, 1993, p. 24).

O significado amplo de cultura nos remete à cultura ribeirinha pela sua diversidade, pelo modo de vida dos que a fazem, seguindo costumes de seus antepassados: a maneira de viver em sociedade, seus comportamentos, idéias, seus mitos, sentidos, reações, emoções, enfim... tudo o que os referencia no mundo.

Para Edgar Morin:

A cultura é constituída pelo conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (2000, p. 5).

Nesse sentido, é nítida a consciência que o homem ribeirinho tem sobre o seu meio ambiente. Desde a mais tenra idade, esse homem já observa o comportamento de seus antepassados, o que o leva a zelar de forma natural pelo ambiente em que vive, mas também construindo e adequando-o às necessidades do momento.

McLaren nos diz que "cultura são os modos particulares nos quais um grupo social vive e dá sentido às suas dadas circunstâncias e condições de vida" (1997, p. 204).

Cultura tem sentido amplo e pode ser analisada sob vários enfoques cujos padrões ganham legitimidade conforme a sociedade que a desenvolve. Pode ser também símbolos correntes, na sociedade, que continuam a ser utilizados por outras gerações.

Para Benedito Nunes (1997), a cultura oscila entre dois pólos:

Um significa o conjunto de conhecimentos, de idéias, de crenças e de critérios de valor com que todo indivíduo se acha armado e de que todo indivíduo faz uso, consciente ou inconscientemente, nas suas relações consigo mesmo e com os outros, ou significa a sua formação intencional e voluntariamente orientada, com apoio num variável grau de conhecimentos e experiências acumulados, para alcançar uma maneira estável de pensar e de agir

Nunes esclarece que no primeiro caso ela é uma posse intelectual por corresponder ao equipamento mental do indivíduo em decorrência da educação

por ele recebida “em qualquer nível da vida social de que participe, e qualquer que seja a latitude dos conhecimentos, das crenças e dos critérios que lhe foram transmitidos”. No segundo caso, considera a cultura “intimamente unida à personalidade e, mais do que uma posse, representará um modo de ser”. Esses dois aspectos, da mesma acepção, ele chama de *eixo subjetivo*.

A acepção social, e a acepção histórica, ele situa em um *eixo objetivo*, que se refere à segunda dimensão do mesmo fenômeno. Sobre a acepção social, nos diz que a cultura é a herança transmitida de geração a geração e de que os indivíduos, com seus “usufrutuários”, partilham diferentemente, conforme o dinamismo dos grupos ou classes a que se vinculam. Numa visão sociológica, cita o exemplo da cultura eclesástica na Idade Média, da cultura aristocrática (séc. XV a XVIII) e da cultura burguesa a partir do século XIX.

A terceira acepção é a *histórica*; o estudioso nos diz que “a cultura seria a fisionomia intelectual, artística e moral de uma civilização dada ou de um povo ao longo de sua história e num momento dela”. Aqui, Nunes enfatiza a ligação do termo ao processo civilizatório. Ao analisar as três acepções, diz que elas não se opõem entre si e que compõem aspectos de uma só ideia.

Claude Lévi-Strauss nos diz que:

Os povos selvagens dão uma lição de modéstia que gostaríamos de acreditar que ainda somos capazes de entender. Neste século em que o homem se empenha a destruir inúmeras formas vivas, depois de tantas sociedades cuja riqueza e diversidade constituíam desde tempos imemoriais o seu mais claro patrimônio, nunca, sem dúvida, foi mais necessário dizer, como fazem os mitos, que um humanismo bem ordenado não começa por si mesmo, mas coloca o mundo antes da vida, a vida antes do mundo, o respeito dos outros seres antes do amor próprio; e que mesmo uma temporada de um ou dois milênios de anos sobre esta terra, já que de qualquer maneira ela conhecerá um fim, não poderia servir de desculpas a uma espécie qualquer, seja a nossa própria espécie, para se apropriar da terra como uma coisa e tratá-la sem pudor nem discreção (apud Nunes, 1997, p. 550).

O professor precisa saber contextualizar, entender e perceber as diferenças, empenhar-se para conhecer a realidade na qual atua para

contribuir de forma eficaz e tornar o processo ensino-aprendizagem significativo.

A inserção no campo de pesquisa nos permitiu presenciar na ilha de Paquetá, furo do Juncaci, fatos como uma sucuri que foi morta porque havia se enrolado em um porco. Como a cobra era grande, os moradores entenderam que a mesma poderia matar uma criança. A cobra foi transportada em um casquinho, pelo igarapé, até chegar em frente à escola.

Para os moradores “ela tinha muniado um porco, e poderia acontecer o mesmo com uma criança”.

Tirada do casquinho por três homens, a cobra ficou estirada no chão e ali mesmo aconteceu uma aula de ciências. Que cobra é essa? — Sucuriçu. O que ela tem na barriga?... Pato, porco... vamos ver? Onde é a barriga da cobra? — É aqui. Apontam para o meio da cobra. Abre a barriga, não havia nada de comida. Oh! Ela estava com fome. E o coração, onde é o coração? — É no rabo. Vamos ver? Abre o rabo: não é. Onde é, então? — É no peito. Onde é o peito? — É aqui, diz um aluno apontando para o seu peito. E na cobra? — É embaixo do pescoço? Onde é o pescoço? — Embaixo da cabeça. Então vamos ver. Abre quase dois palmos abaixo da cabeça. Procura o coração. Está aqui. — Ah! disse um aluno arregalando os olhos e colocando a mão na boca. Que cor é o coração? perguntou a professora. — Vermelho, responderam as crianças.

Depois foi tirado o couro da cobra, uma catanga exala no ar, perguntamos: o que iriam fazer com o couro da cobra? — vai ficar na casa do meu irmão, ele põe para secar e enfeitar a sala. A senhora quer? — Não, não, muito obrigado.

Percebemos que houve reflexão sobre a morte da cobra, e que os moradores não costumam matar os animais.

Dentre as entrevistas com as crianças, selecionamos os seguintes relatos: Professora, eu gosto daqui. Olhe o meu desenho. É assim que eu vou ter o meu barco, quando eu crescer. Eu quero que ele faça zoadá pra correr bem nessa maré. É! Eu vou embora quando eu crescer, aí eu vou poder levar todos esses aqui (aponta para os colegas fazendo bico com os lábios) pra passear, quero ver meu barco cortando essas ondas que estão espumando e nós só subindo e descendo nessa maresia, sentindo frio na barriga.

Uma menina disse: *o bato aparece lá na festa da casa da D. Conceição, eles só foram saber que era bato quando viram ele amarrado no rio. Foi sim, disse uma senhora que escutava a conversa. Como aparece por aqui.*

Outra criança disse: *Professora, professora, a senhora já viu o menino pretinho da ilha?* – Onde ele mora? Pergunto. – *Ele aparece aqui na ilha (aí percebi que se tratava de uma história) É?* Respondi. Ele continuou:... *sabe, o Ariel visita da casa dele, quando chegou lá no campo ele viu um menino pretinho que começou a rir dele, aí ele não gostou da tagada e quis brigar com o menino pretinho; só, professora, que o menino botou ele pra correr e perseguiu ele até ali na beira do igarapé, ele só parou de perseguir quando o Ariel chegou aqui e pediu pra todo mundo que estava jogando bola ir brigar com o pretinho, quando nós avançamos pra bater no menino, ele sumiu. Foi Augusto, mas que menino danado! É, professora, ele aparece umito aqui, catulado! Qualquer dia ele pode vir caçoi da senhora.*

Observamos que, nesse dia, as crianças estavam alegres, queriam falar. Um foi buscar o desenho que ele havia feito no dia anterior. Era um barco – *Sabe, professora, esse barco é do tio Ezequiel, é o barco que ele tá bem cedo pra pescar, é assim que vai ser o meu barco pra ele vir até o talo de peixe.*

Nesse mesmo dia houve reunião para organizar a programação para o almoço de integração das mães. E assim foi discutida a questão: — Como vai ser o almoço do dia das mães? disse o professor. — Podemos fazer dois pratos, disse uma das mães. Maniçoba e vatapá. Então vamos acertar a coleta do material. Quem dá o quê. A primeira mãe a levantar a mão diz: — *Eu dou 1 Kg de trigo.* Outra mãe acha que é pouco, *vou dar mais 01*, outra levanta o braço e diz: *se o coco estiver maduro até lá eu dou 02*, (as crianças assistem a tudo), agora chegou a vez do camarão. A mãe que amamenta seu bebê pela 5ª vez desde que chegou 10h, já são 12h30, diz: *eu dou 01 litro de camarão*, uma diz que é muito pouco, mas ela diz *não, de repente pode não ter camarão nesse dia, já pensou se o camarão escasseia?* — *Ah não, quem tem folhãinha aí?* A professora tem — *Véja, professora, qual é o lua do dia 28. É minguante. Ah!... então posso dobrar pra 02 litros*, a outra responde: *então eu dou 02 sandém.* Outra, *eu dou o azeite*, a outra, *eu faço o vatapá.* Agora passam a discutir a maniçoba. Quem vai dar a maniva? *Eu dou se me ajudarem a apambar.* Quem vai moer? *Nós e as crianças, mas quem tem o máquina?* A tia Rosa empresta; e os ingredientes? O professor diz que a escola dá. Faltou o arroz pra acompanhar tudo isso, finalmente cada um dá 01 kg e outra mãe vai fazer a maniçoba, mas lembraram que falta o carvão para cozinhar a maniçoba, e quem vai moer a maniva (cada um mói um pouco) o que é logo resolvido.

Percebemos a relação que o ribeirinho tem com a natureza, o respeito ao calendário lunar, respeito com o tempo da maturação, e o espírito de cooperação.

A escola realiza atividades de Educação Ambiental, como campanha de coleta de lixo. As orientações de como zelar pelo espaço e hábitos de higiene fazem parte das orientações diárias.

Percebe-se a preocupação da escola para a prática da Educação Ambiental, um processo lento que se insere de forma gradativa à vida da comunidade de Jurubá.

Considerando os dados obtidos, constatamos que a obediência aos mitos relatados pelos moradores influencia no "zelar" pelo espaço. Quer seja na praia, nos igarapés, nas áreas de terra firme, por eles chamadas de campo. Existe uma obediência atribuída à Mulher da Praia; ao Menino Pretinho; à Mãe do Igarapé e até à "Hora". "A hora aqui? Hum!... quando dá seis horas, quem vem lá da ponta da praia, a perna fica bamba, o cabelo cresce, parece que a gente sai do chão. Um dia desses aconteceu... a sorte foi que o cachorro latiu e espantou aquilo que deixa a gente com a perna pesada".

Em janeiro de 2004, foi construída a ponte que liga o igarapé do Baixo à escola, que fica na praia. Segundo relato das crianças, o menino pretinho que toma conta do campo agora também já fica na cabeça da ponte do igarapé do Baixo.

O mito marca presença no imaginário dos moradores da ilha de Jurubá I.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Marli E. D. *Etnografia da prática escolar*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes, 1980.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

LOPES, Alice Ribeiro. *Reflexões sobre currículo: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar*. Em *Aberto*. Brasília, ano 1, nº 58, abr./jun., 1993.

McLAREN, Peter. *A vida nas escolas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MORIN, Edgar. *Clareza com consciência*. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

NUNES, Benedito. Um conceito de cultura. In: XIMENES, Tereza (org.). *Perspectivas do desenvolvimento humano*. Belém: UFPA, 1997.

SILVA, Terezinha Maria Nelli. *A Construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador*. São Paulo: EPV, 1990.